

Dívida pública nas alturas

SÉRGIO CASTRO/AE

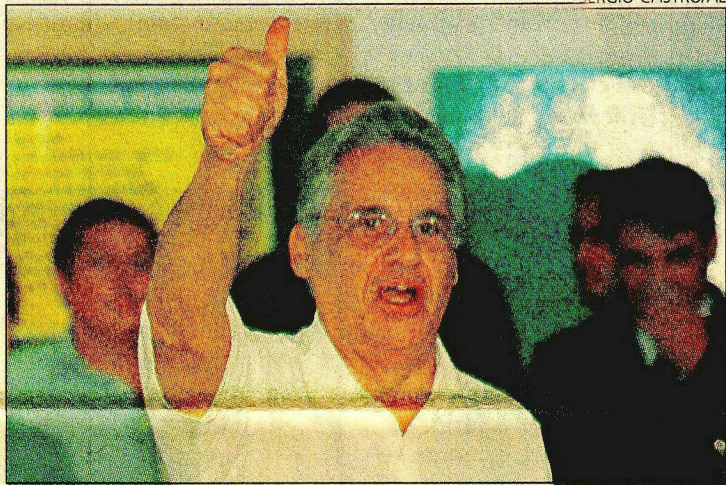
O próximo governo assumirá, em janeiro, tendo que administrar uma dívida pública interna gigantesca. Logo no primeiro mês, o presidente eleito terá de saldar parte do débito que tem com o mercado – nada menos que R\$ 6,350 bilhões. Até junho, precisará desembolsar cerca de R\$ 95 bilhões (veja quadro).

Baixar taxas de juros é uma das principais medidas que o governo terá de investir para atacar de frente o problema da dívida alta. É o que diz Miguel Ribeiro, vice-presidente da Associação Nacional de Executivos de Finanças (Anefac). "Só se faz isto restabelecendo a confiança dos investidores", ressalta.

O presidente eleito, ainda de acordo com Miguel Ribeiro, tem de mostrar aos investidores que vai manter o câmbio flutuante, a inflação baixa e que vai respeitar os prazos de pagamentos da dívida. Juro alto é uma das exigências do mercado para atrair investidores externos.

A política de juros mais baixos, segundo os especialistas, impulsiona o setor produtivo e, conseqüentemente, o crescimento da economia. "Quem vai investir em produção com uma taxa de juros alta como esta?", indaga Ribeiro.

Outra luta que aguarda o próximo governo é para baixar o câmbio. "Tem que baixar para que a pressão dos preços



NA ERA FHC, a dívida passou de R\$ 153,3 bi para R\$ 784 bi

Veja o que o governo terá de pagar

Janeiro de 2003	R\$ 6,350 bilhões
Fevereiro	R\$ 7,9 bilhões
Março	R\$ 11 bilhões
Abril	R\$ 31,460 bilhões
Maio	R\$ 26,140 bilhões
Junho	R\$ 14 bilhões

Fonte: Anefac

seja menor e a dívida pública possa cair", explica Ribeiro. Na era Fernando Henrique, a dívida cresceu sete vezes – passou de R\$ 153,3 bilhões para R\$ 784 bilhões.

A equipe de Lula tem dito que ele vai manter o câmbio flutuante e impedir a volta da inflação. Para o economista Dércio Munhoz, do Departamento de Economia da Universidade de Brasília, o câmbio tem de ser administrado pelo Banco Central (o BC determina por quanto vai comprar e vender o dólar – hoje o mercado dita as regras).

O problema de deixar o câmbio flutuante, diz ele, é a especulação. Um exemplo foi visto este mês. Na medida em que se aproximava do vencimento de parte da dívida interna (que o governo tem com os bancos, empresas e como todos os que investem em fundos), o dólar disparava ainda mais. Isto porque boa parte da dívida é atrelada ao câmbio. Portanto, quanto mais alto o dólar, mais os credores ganham.